

INTERAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS: REFLEXÕES SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA (ILF) E INTERCULTURALIDADE EM SALA DE AULA¹

Salvia de Medeiros Souza²
Renata Barbosa Vicente³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo evidenciar a importância da interação para a aprendizagem de uma língua adicional (LA), especialmente em relação à compreensão de aspectos culturais e interculturais envolvidos no Inglês como Língua Franca (ILF). A pesquisa consiste em analisar as observações reportadas em relatório de estágio em língua inglesa em uma turma do sexto ano do ensino fundamental. Para isso, utilizaremos os seguintes pressupostos teóricos: Maturana e Varela (1995), Vigotski (2000) e Tomasello (2019) para discutir sobre o desenvolvimento cognitivo da linguagem humana através da interação; Kramsch (1995), Fleuri (2002) e Corbett (2003) sobre a cultura e a interculturalidade na educação, especialmente no ensino de línguas; Nizegorodcew (2011), Baker (2018) e Mauranen (2018) em relação ao ILF e à comunicação intercultural. Verificamos, ao longo das aulas reportadas no relatório, que o ensino de inglês ainda trabalha com gramática, tradução e vocabulário de forma descontextualizada do uso da língua, sem a interação entre estudantes e sem uma mobilização de diferentes gêneros orais e escritos. Constatamos, portanto, que a falta de interação não favorece o desenvolvimento de uma competência intercultural e, sem a diversidade de gêneros discursivos, as culturas de dentro e de fora da sala de aula não são mobilizadas, conseqüentemente, não há uma reflexão sobre elas.

Palavras-chave: Interação, Inglês como Língua Franca (ILF), interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, são trazidas discussões sobre a interação e sua importância para aprendizagem de línguas na escola, considerando o Inglês como Língua Franca (ILF) inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) da educação básica, especialmente direcionando a interculturalidade como um dos eixos fundamentais a serem postos em sala de aula.

Neste momento, o objetivo geral é evidenciar a importância da interação para a aprendizagem de uma língua adicional (LA), especialmente em relação à compreensão de

¹ Este estudo é resultado de uma pesquisa de mestrado financiada pela CAPES, iniciada no segundo semestre de 2019 que vem investigando como a interculturalidade está presente na formação e na atuação de professores de inglês em instituições de ensino superior e da educação básica.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, salviamsouza@gmail.com.

³ Professora orientadora; Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo - USP, renatab.vicente@gmail.com.

aspectos culturais e interculturais envolvidos no ILF. Para cumprirmos o referido objetivo analisaremos observações reportadas em relatório de estágio em língua inglesa em uma turma do sexto ano do ensino fundamental de uma escola do município de Garanhuns, em Pernambuco.

Como referencial teórico utilizaremos os seguintes pressupostos: Maturana e Varela (1995), Vigotski (2000) e Tomasello (2019) para discutir sobre o desenvolvimento cognitivo da linguagem humana através da interação; Kramersch (1995), Fleuri (2002) e Corbett (2003) sobre a cultura e a interculturalidade na educação, especialmente no ensino de línguas; Nizogorodcew (2011), Baker (2018) e Mauranen (2018) em relação ao ILF e à comunicação intercultural.

Verificamos, ao longo da análise das aulas reportadas no relatório, que o ensino de inglês ainda traz um foco em gramática, tradução e vocabulário de forma descontextualizada do uso da língua, sem a interação entre estudantes e sem uma mobilização de diferentes gêneros orais e escritos. Constatamos ainda que a falta de interação não favoreceu o desenvolvimento de uma competência intercultural e, sem a diversidade de gêneros discursivos, as culturas de dentro e fora da sala de aula não foram mobilizadas efetivamente.

INTERAÇÃO E INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

A concepção de língua como prática social entende a importância de sua estrutura, mas também a compreende como “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 224). Essa “concepção de mundo, de linguagem, de sociedade etc. [...] valoriza a interação entre os agentes sociais e vê a todos como parceiros diferentes e com igual valor”. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020, p. 11). Sem a interação tampouco a capacidade humana de adquirir uma língua nos primeiros anos de vida seria desenvolvida. Esta concepção dialoga com as pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem na infância de Vigotski (2000) e Tomasello (2019), assim como com os estudos de Maturana e Varela (1995) que entendem o desenvolvimento cognitivo individual ligado intrinsecamente à interação.

É inegável a importância da interação para aquisição ou aprendizagem de uma língua natural, assim como não podemos dissociar a importância de pensar língua e cultura como elementos complementares. Entendemos que não existe uma única cultura no singular, mas, no plural. As culturas conduzem diversas formas de interação, comportamentos, pensamentos, ações, interpretações e interações entre indivíduos de um mesmo grupo e entre indivíduos de

grupos diferentes. É, por isso, que a cultura está associada à linguagem, à educação e a inúmeras outras áreas do conhecimento humano. De acordo com Spencer-Oatey e Franklin (2009, p. 15),

- A cultura se manifesta através de diferentes tipos de regularidades, algumas das quais são mais explícitas que outras;
- A cultura está associada a grupos sociais, mas não há dois indivíduos dentro de um grupo que compartilhem exatamente as mesmas características culturais;
- A cultura afeta o comportamento das pessoas e as interpretações de seu comportamento;
- A cultura é adquirida e/ou construída por meio do envolvimento com os outros. (Tradução nossa)⁴

Trifonovitch (1977) defende o ensino e a aprendizagem de cultura na escola e Kramsch (1993) traz esta discussão para o contexto do ensino de línguas estrangeiras. A pesquisadora critica o pensamento que limita a cultura à transmissão de informações sobre o país de origem, de qualquer que seja a língua, e as atitudes e visões de mundo de seus falantes nativos. Uma alternativa que vem sendo construída e pensada para driblar essa perspectiva é uma esfera de interculturalidade presente na interação:

[...] a compreensão de uma cultura estrangeira requer colocar essa cultura em relação com a sua própria. Como vimos para interações sociais e na interação com textos escritos, o significado é relacional. Assim, uma abordagem intercultural para o ensino de cultura é radicalmente diferente de uma transferência de informações entre culturas. Ela inclui uma reflexão sobre ambas as culturas: a cultura alvo e a nativa. (KRAMSCH, 1993, p. 205)⁵.

A abordagem intercultural está intimamente ligada à língua inglesa como língua franca que segundo Baker (2018) é: “[...] profundamente intercultural, tanto como meio de comunicação quanto como campo de pesquisa. [...] Dado que o inglês usado como língua franca atualmente é provavelmente o meio mais comum de comunicação intercultural [...]” (BAKER, 2018, p. 25⁶).

⁴ • Culture is manifested through different types of regularities, some of which are more explicit than others. • Culture is associated with social groups, but no two individuals within a group share exactly the same cultural characteristics. • Culture affects people’s behaviour and interpretations of behaviour. • Culture is acquired and/or constructed through interaction with others.

⁵ [...] understanding a foreign culture requires putting that culture in relation with one’s own. As we have seen for social interactions as well as for the interaction with written texts, meaning is relational. Thus, for example, an intercultural approach to the teaching of culture is radically different from a transfer of information between cultures. It includes a reflection both on the target and on the native culture. (KRAMSCH, 1993 p. 205)

⁶ “[...] deeply intercultural both as a means of communication and as a research field. [...] Given that English used as a lingua franca is presently likely to be the most common medium of intercultural communication [...]” (BAKER, 2018, p. 25).

A relação que pode ser estabelecida entre ILF e interculturalidade ocorre por meio da interação intercultural e deve, conseqüentemente, estar presente no ensino e na aprendizagem do idioma. Nos dias atuais, é importante destacar que ao contrário das línguas francas que antecederam o inglês, há uma democratização do acesso ao estudo e o contato com o idioma, ou seja, é possível estabelecer comunicação sem que seja necessário sair de casa. Além disso, o ILF deixa o “estrangeirismo” de lado e passa a considerar questões culturais que devem partir do local de onde a língua está sendo ensinada para o global.

É fato que a língua inglesa está presente no mundo atual como nenhuma outra esteve antes. Mauranen (2018) destaca que o inglês pode estabelecer algum tipo de contato com qualquer uma das sete mil (7.000) línguas reconhecidas ao redor do globo. Outro fato notável, segundo a autora, é o idioma ser mais falado por pessoas que o têm como segunda língua ou língua adicional do que por aquelas que o têm como língua materna.

De acordo com Friedrich e Matsuda (2010, p. 22), o ILF representa uma função assumida pela língua inglesa:

O uso de uma estrutura que conceitua o ILF como uma função, em vez de uma variedade linguística, captura a natureza dinâmica das escolhas linguísticas baseadas na situação, reconhece a importância de fatores não linguísticos (por exemplo, uso de estratégias) na comunicação e nos permite estudar fenômenos multidimensionais e holísticos do ILF.⁷

Segundo Mauranen (2018),

O significado do ILF transcende o contato de qualquer indivíduo ou grupo em particular com o inglês. O ILF não é apenas um idioma de contato no qual o inglês é uma língua nacional [...], mas uma língua franca não-local, o meio de comunicação entre pessoas de qualquer lugar do mundo (p. 7⁸).

Nessa perspectiva, Nizegorodcew (2011) esclarece que, do ponto de vista da língua franca, o processo de aquisição é regulatório e funcional a fim de viabilizar a obtenção de uma identidade nova aos falantes enquanto membros de uma *comunidade de prática* (*community of practice*) e não de uma comunidade de fala de nativos do idioma. A pesquisadora compreende que duas dimensões fundamentais são o engajamento mútuo entre falantes em

⁷ Using a framework that conceptualizes ELF as a function, rather than a linguistic variety, captures the dynamic nature of situation-based linguistic choices, recognizes the importance of nonlinguistic factors (e.g., use of strategies) in communication, and allows us to study the ELF phenomena multidimensionally and holistically.

⁸The significance of ELF transcends the contact of any particular individual or group with English. ELF is not just a contact language where English is a domestic language [...], but a non-local lingua franca, the means of communicating between people from anywhere in the world. (p.7)

diversos contextos e um repertório de variedades e maneiras de criar significado compartilhado entre membros da comunidade.

Baker (2018) explica que Hymes (1972) enfatizou aspectos sociais amplos da comunicação, considerando somente as relações estabelecidas entre falantes nativos, mas esse pensamento não se aplica ao cenário da comunicação intercultural e à interação através do ILF. Nizegorodcew (2011) diz que o ensino de língua pela abordagem comunicativa trazida e desenvolvida a partir da competência comunicativa de Hymes (1972) tornou irrelevante o ensino de cultura, com alegações de que não havia necessidade de aprender sobre aspectos da cultura de um país estrangeiro para utilizar recursos linguísticos e comunicativos. No entanto, “a comunicação é uma forma de prática cultural e, por isso, envolve necessariamente o desenho, a construção e a negociação de quadros de referência cultural e práticas de comunicação baseadas na cultura” (BAKER, 2018, p. 27⁹).

Além disso, Canagarajah (2007) aponta que a aprendizagem do ILF é constante e não há uma homogeneidade em todas as modalidades e dimensões aprendidas, afinal “os contextos de comunicação global intercultural são imprevisíveis, e a mistura de participantes e propósitos deve ser encontrada em situações reais. [...] Uma linguagem baseada em negociação só pode ser desenvolvida através e na prática”¹⁰ (CANAGARAJAH, 2007, p. 927).

Em relação à estrutura ou forma do ILF, Canagarajah (2007) enfatiza o caráter híbrido da língua. Nesse sentido, os padrões gramaticais, palavras e convenções discursivas de diversas linguagens e variedades do inglês são materializadas na interação. Ele explica que os falantes de ILF não dependem de padrões pré-determinados, eles ativam estratégias de negociação de sentido de acordo com o contexto em que estão inseridos, distanciando-se de normas e ativando práticas flexíveis para facilitar e promover a comunicação de forma efetiva por meio de cooperação e apoio mútuo.

INTERCULTURALIDADE NA AULA DE LÍNGUA INGLESA

⁹ “[...] communication is a form of cultural practice and so will necessarily involve drawing on, constructing and negotiating culturally based frames of reference and communicative practices.” (BAKER, 2018, p. 27).

¹⁰ “The contexts of intercultural global communication are unpredictable, and the mix of participants and purposes have to be encountered in real situations. [...] A language based on negotiation can be developed only through and in practice” (CANAGARAJAH, 2007, p. 927).

No Brasil, a “pluralidade cultural” como tema transversal nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental no Brasil* surgiu, segundo Fleuri (2002), com o crescimento do campo das relações interculturais que se expandiram como consequência da globalização da economia mundial. Neste cenário, surge “a preocupação por uma educação que respeite a diversidade cultural [...]” (FLEURI, p. 130).

A perspectiva intercultural, de acordo com Fleuri (2002, p. 132)

[...] emerge do contexto de lutas contra os processos crescentes de exclusão social. Reconhece-se o sentido e a identidade cultural de cada grupo social. Mas, ao mesmo tempo, valoriza-se o potencial educativo dos conflitos. E busca-se desenvolver a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo.

Ainda segundo Fleuri (2002, p. 132), o potencial transformador da interculturalidade também deve ser inserido em práticas educacionais propondo

[...] novas estratégias de relação entre sujeitos e entre grupos diferentes. Busca promover a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças culturais, Mas, ao mesmo tempo, procura sustentar a relação crítica e solidária entre elas.

É importante reforçar o caráter crítico, afinal, o reconhecimento de diferenças pode ser um processo difícil, mas necessário. Não obstante, esse fator não deve ser motivo para manifestação de estereótipos e preconceitos. Tais diferenças devem ser respeitadas e ressignificadas a partir de reflexões e debates. Esta é a perspectiva defendida nesta pesquisa, a fim de proporcionar a estudantes e professores o reconhecimento de sua própria cultura, das diferentes culturas dos falantes da língua-alvo da aprendizagem e não supervalorizar nenhuma das duas, tendo por objetivo valorizar as singularidades, proporcionar a percepção e o respeito às diferenças, sem isolá-las ou separá-las.

Aprender uma língua estrangeira implica ser competente nos aspectos linguísticos, comunicativos e interculturais adquirindo habilidades de escrita, leitura, oralidade e audição. Para tanto, a sala de aula de aula, como explicam Araújo e Figueiredo (2015, p. 64):

[...] deve ser um lugar que proporcione ao aluno o conhecimento sobre o sistema da língua que está aprendendo (sua estrutura, seu vocabulário, suas regras e normas) e, também, sobre a cultura dessa língua. Assim, o professor de línguas estrangeiras deve levar em consideração vários aspectos em sala de aula, tanto os linguísticos quanto os culturais.

Aqui, nos atemos à relevância dos aspectos culturais, principalmente em relação à competência intercultural que está vinculada ao conceito de interculturalidade enquanto uma

descrição das “[...] relações simétricas e horizontais entre duas ou mais culturas, para enriquecer uma à outra e contribuir para uma maior realização humana” (ESTERMANN, 2010, p. 33. Tradução nossa.¹¹).

A competência comunicativa intercultural é necessária tanto para o docente quanto para os discentes. Algumas características dessa competência são:

- (1) conhecimento de si e do outro; de como a interação ocorre; do relacionamento do indivíduo com a sociedade.
- (2) Saber interpretar e relacionar informações.
- (3) Saber como se envolver com as consequências políticas da educação; estar criticamente consciente dos comportamentos culturais.
- (4) Saber descobrir informações culturais.
- (5) Saber ser: como relativizar a si mesmo e valorizar as atitudes e crenças de outro (CORBETT, 2003, p. 32. Tradução nossa¹²).

A competência citada acima prevê o uso real da língua em situações de comunicação e elas não ocorrem somente com o deslocamento para países de língua inglesa. A interação pode ocorrer através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) considerando a produção e recepção de discursos orais e escritos através da mídia, da internet e dos de outros veículos de comunicação, artes etc.

O desenvolvimento de atividades que trabalham com a competência comunicativa intercultural em sala de aula é uma forma de proporcionar o exercício da criticidade dos estudantes enquanto cidadãos, reconhecendo diferentes aspectos socioculturais e como influenciam em sua vida cotidiana, observando por outros ângulos sua cultura e a cultura de outros. Corbett (2003) sugere que atividades de análise de gêneros no ensino da habilidade escrita pode ser um suporte para a abordagem intercultural. Ele considera que os gêneros orais e escritos trazem diversas questões culturais que poder ser discutidas e exploradas em sala de aula. Ele acrescenta que os recursos visuais são elementos que podem ser usados em sala de aula em todos os níveis, tanto para ilustrar questões relacionadas à cultura da língua alvo quanto para ilustrar a cultura local.

Araújo e Figueiredo (2015, p. 71) argumentam que

No contexto de sala de aula intercultural, o professor pode fazer uso de recursos visuais, visando despertar no aluno as habilidades de observação, compreensão, interpretação e, também, uma tomada de consciência crítica cultural em relação à cultura alvo.

¹¹ “[...] relaciones simétricas y horizontales entre dos o más culturas, a fin de enriquecerse mutuamente y contribuir a mayor plenitud humana.” (ESTERMANN, 2010, p. 33).

¹² (1) Knowledge of self and other; of how interaction occurs; of the relationship of the individual to society. (2) Knowing how to interpret and relate information. (3) Knowing how to engage with the political consequences of education; being critically aware of cultural behaviours. (4) Knowing how to discover cultural information. (5) Knowing how to be: how to relativise oneself and value the attitudes and beliefs of the other (CORBETT, 2003, p. 32).

O objetivo da dimensão intercultural no ensino de língua é

[...] desenvolver alunos como falantes ou mediadores interculturais capazes de se envolver com complexidade e múltiplas identidades e evitar os estereótipos que acompanham a percepção de alguém através de uma única identidade. Baseia-se na percepção do interlocutor como um indivíduo cujas qualidades devem ser descobertas, e não como um representante de uma identidade atribuída externamente. Comunicação intercultural é comunicação baseada no respeito aos indivíduos e na igualdade de direitos humanos como base democrática da interação social (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 9. Tradução nossa¹³).

Os estudantes continuam tendo a necessidade de adquirir a competência linguística, bem como a competência comunicativa. A competência intercultural surgiu para enfatizar a necessidade de adquirir a habilidade de “garantir um entendimento compartilhado por pessoas de diferentes identidades sociais e sua capacidade de interagir com pessoas como seres humanos complexos, com múltiplas identidades e sua própria individualidade” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 10. Tradução nossa.¹⁴).

Os autores dizem que o professor deve “ajudar os alunos a ver as relações entre suas próprias e outras culturas, pode ajudá-los a adquirir interesse e curiosidade sobre a "alteridade" e uma consciência de si mesmos e de suas próprias culturas vistas da perspectiva de outras pessoas” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 10. Tradução nossa.¹⁵) e “desenvolver habilidades, atitudes e consciência de valores, tanto quanto desenvolver um conhecimento de uma cultura ou país em particular” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 11. Tradução nossa.¹⁶).

O professor não precisa saber de tudo sobre a cultura da língua alvo tendo tido contato direto com esta cultura ou não. Byram, Gribkova e Strakey (2002) orientam que o professor pode

¹³[...] to develop learners as **intercultural speakers** or **mediators** who are able to engage with complexity and multiple identities and to avoid the stereotyping which accompanies perceiving someone through a single identity. It is based on perceiving the interlocutor as an individual whose qualities are to be discovered, rather than as a representative of an externally ascribed identity. Intercultural communication is communication on the basis of respect for individuals and equality of human rights as the democratic basis for social interaction (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 9).

¹⁴“to ensure a shared understanding by people of different social identities, and their ability to interact with people as complex human beings with multiple identities and their own individuality” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 10).

¹⁵ “help learners see relationships between their own and other cultures, can help them acquire interest in and curiosity about 'otherness', and an awareness of themselves and their own cultures seen from other people's perspectives” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 10)

¹⁶ “to develop skills, attitudes and awareness of values just as much as to develop a knowledge of a particular culture or country” (BYRAM; GRIBKOVA; STRAKEY, 2002, p. 11).

[...] tentar projetar uma série de atividades para permitir que os alunos discutam e tirem conclusões de sua própria experiência com a cultura-alvo apenas como resultado do que ouviram ou leram. O professor pode fornecer algumas informações factuais relacionadas aos estilos de vida atuais na(s) cultura(s) e padrões geralmente seguidos pelos membros dessas culturas, mas o importante é incentivar a análise comparativa com a cultura dos alunos¹⁷.

Motta-Roth (2004) explica que o desenvolvimento da competência intercultural em estudantes e professores proporciona cruzamentos de fronteiras entre culturas distintas, causa reflexões sobre diferentes contextos e práticas sociais e possibilita a interação em diferentes textos e contextos em grupos sociais distintos, de diversas formas.

As considerações tecidas até o momento nos direcionam a analisar como e se ocorreram atividades de interação intercultural envolvendo diferentes gêneros orais e escritos no campo de estágio descrito no relatório, especialmente considerando a interculturalidade como conceito fundamental para o ensino e aprendizagem de ILF.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do relatório que analisamos contemplam as observações de aulas de uma professora experiente em sala de aula e as aulas de regência são os momentos em que a graduanda em processo de estágio executa atividades com a turma. Em duas tabelas, elencamos os conteúdos trabalhados, uma das aulas no período de observações (Tabela 1) e outra das regências. (Tabela 2).

Tabela 1: conteúdos trabalhados no período de observações

Observações	Conteúdos trabalhados
1.	Vocabulário: “Family”
2.	Vocabulário: “Numbers”
3.	Vocabulário: “Family members”
4.	Gramática: “Present Simple Tense”; “Present Continuous Tense”
5.	Vocabulário: “Animals and Pets”
6.	Vocabulário: “Numbers”
7.	Vocabulário: “Numbers, colors and animals”

Das sete aulas (Tabela 1), percebemos uma ênfase em aspectos lexicais (vocabulário) e gramaticais. Uma das aulas que mais se aproxima ao que entendemos e discutimos sobre a interculturalidade na escola foi a aula da observação 5 em que a estagiária reporta que a

¹⁷[...] try to design a series of activities to enable learners to discuss and draw conclusions from their own experience of the target culture solely as a result of what they have heard or read. The teacher might provide some factual information related to the life-styles current in the culture(s) and patterns usually followed by members of these cultures, but the important thing is to encourage comparative analysis with learners’ own culture.

professora dialoga sobre o tema “animals and pets” e pede que os estudantes falem, em inglês, os animais de estimação que eles têm em casa, ela “[...] pergunta a cada um dos estudantes em sala: “Se você tivesse um *pet* qual seria? Ou “Qual o seu pet?”.” Para responder os alunos deveriam seguir um modelo escrito no quadro, como: “*My pet is _____.*”

De acordo com Corbett (2003): ao falarem de si mesmos, os alunos carregam em seu discurso marcas culturais de sua formação e essa é uma das questões que devem ser consideradas para a construção da competência intercultural. No entanto, os conhecimentos linguísticos não foram contextualizados a partir de gêneros orais ou escritos, não favorecendo a interação entre estudantes e não proporcionando o contato com outras manifestações culturais por meio da língua inglesa.

Tabela 2: conteúdos trabalhados no período de regências

Regências	Conteúdos trabalhados
1.	Vocabulário: “Animals and Pets”
2.	Atividade sobre vocabulário: “Numbers, colors and animals”
3.	Vocabulário: “Nationalities and occupations (jobs)”
4.	Vocabulário: “Occupations (jobs)”
5.	Vocabulário: “Occupations and family members”
6.	Vocabulário: “Colors, professions and family members”

Nas aulas de regência reportadas (Tabela 2), o trabalho da estagiária teve o foco principal em questões e temas envolvendo aspectos lexicais. Exemplificamos com o relato da regência 5, em que a professora estagiária relata ter promovido um diálogo com as profissões dos familiares de cada um dos alunos, anotando suas respostas no quadro, como no exemplo a seguir:

Teacher: “*What’s your mother/father (grandmother/grandfather) occupation?*”

(Qual a profissão da(do) sua(seu) mãe/pai (avó/avô)?

Ana: *My mother is a teacher.*

(Minha mãe é uma professora.)

Teacher: *Which subject does she teach?*

(Qual disciplina ela ensina?)

Ana: De tudo, professora.

Teacher: Mas, ela é formada para dar aula de qual disciplina?

Ana: Português.

Teacher: *So, she is a Portuguese teacher.*

[A professora em formação anota no quadro: *E.g.: Ana’s mother is a Portuguese teacher*“].

Essa aproximação com contextos e pessoas reais dialoga com mecanismos de construção da competência intercultural por meio de interações em sala de aula. No entanto, esta poderia ter ocorrido também entre os alunos, proporcionando uma interação em que eles pudessem falar sobre suas famílias e as profissões de seus familiares uns com os outros e não somente dialogando com a professora que ministrava a aula.

Diante dos exemplos mencionados, pudemos verificar que, ao longo das aulas reportadas, o ensino de inglês ainda trabalha com **gramática, tradução e vocabulário** de forma **descontextualizada do uso da língua, sem a interação entre estudantes** e sem uma mobilização de diferentes gêneros orais e escritos. No cenário analisado, a interação estava centrada entre professora e estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, portanto, que a falta de interação entre estudantes pode não ter favorecido o desenvolvimento de uma competência intercultural e, sem a diversidade de gêneros discursivos, as culturas de dentro e de fora da sala de aula não puderam ser mobilizadas, conseqüentemente, não poderia haver uma reflexão sobre elas.

Considerando as lacunas que citamos anteriormente, sugerimos que é preciso traçar alternativas de interação entre alunos por meio de diferentes gêneros orais e escritos para que seja possível proporcionar o desenvolvimento de uma competência intercultural em sala de aula. Esclarecemos ainda que os conhecimentos linguísticos e as atividades que envolvem vocabulário, gramática e tradução devem estar presentes nas aulas, mas podem ser melhor exploradas dialogando com aspectos culturais locais e globais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marco André Franco de.; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Cultura, interculturalidade e sala de aula de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura**. Inhumas, Goiás, v. 7, n.1, jun., p. 63-76, 2015.

BAKER, Will. English as a lingua franca and intercultural communication. In: JENKINS, Jennifer; BAKER, Will; DEWEY, Martin (eds.). **The routledge handbook of English as a Lingua Franca**. London; New York: Routledge, 2018, p. 25-36.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

BYRAM, Michael.; GRIBKOVA, Bella.; STARLEY, Hugh. **Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching**: a practical introduction for teachers. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

CANAGARAJAH, Suresh. Lingua Franca English, Multilingual Communities, and Language Acquisition. **The Modern Language Journal**, v. 91, p. 923-939, 2007.

CORBETT, John. **An intercultural approach to English language teaching**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2003.

ESTERMANN, Josef. **Interculturalidad**: vivir la diversidad. La Paz: Instituto Superior Ecueménico Andino de Teología, 2010.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no brasil. In: _____. **Intercultura**: estudos emergentes. Rio Grande do Sul, Ijuí: Editora Unijui, 2002, p. 129-150.

KRAMSCH, Claire. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Trad. Jonas Pereira do Santos. Campinas, São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

MAURANEN, Anna. Conceptualising ELF. In: JENKINS, Jennifer; BAKER, Will; DEWEY, Martin (eds.). **The routledge handbook of English as a Lingua Franca**. London; New York: Routledge, 2018, p. 7-24.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Competências comunicativas interculturais no ensino de inglês como língua estrangeira**. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2004, p. 286-303. Disponível em: <coralx.ufsm.br/desireemroth/algumas_publicacoes/competencias.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

NIZEGORODCEW, Anna. Understanding Culture Through a Lingua Franca. RABSKI, Janusz; WOJTASZEK, Adam (eds.). **Aspects of Culture in Second Language Acquisition and Foreign Language Learning**. Heidelberg; Dordrecht; London; New York: Springer, 2011, p. 7-20.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Educação dialógica alteritária: uma reflexão. **Revista Línguas e Letras**, n. 48, v. 21, p. 7-27, 2020. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675/pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SPENCER-OATEY, Helen; FRANKLIN, Peter. **Intercultural Interaction**: a multidisciplinary approach to intercultural communication. New York: Pelgrave Macmillan, 2009.

TOMASELLO, Michael. Construções linguísticas e cognição de eventos. In: _____. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p. 187-224.

TRIFONOVITCH, Gregory J. Culture learning/Culture teaching. **Educational perspectives**, n. 4, v. 2, p. 18-22, 1977. <Disponível em: https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/47429/1/EDPVol16%234_18-22.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.